

BANANEIRAS, A ÚLTIMA ESTAÇÃO

Paulo Germano Cavalcanti Furtado

Acadêmico Titular da APMED – Cadeira nº 06

O destino mudou as feições da cidade de Bananeiras quando em 1924 o trem maria-fumaça parou na Estação Ferroviária da Great Western, transformando aquela última parada em um novo símbolo da cidade. Reconhecida, ao lado de Areia, como importante polo econômico e cultural do brejo paraibano, o desenvolvimento deu a força que a paisagem brejeira precisava, trazendo novos empreendedores e bons negócios a bordo dos vagões. A ampliação de postos de trabalho impulsionou a produção dos engenhos de cana de açúcar e facilitou o escoamento da cultura do café. Alguns anos mais tarde, o benefício se estenderia às plantações de algodão e sisal que compensavam o declínio que se abateu sobre os cafezais. Na produção de aguardente, há de se registrar o histórico Engenho Goiamunduba, que, assegurando a hegemonia do brejo paraibano na produção da “branquinha”, desde 1877 vem produzindo de forma artesanal a inigualável Cachaça Rainha, mantendo, até hoje, o mesmo aroma e o sabor inigualáveis, conforme atesta o expert Tatá Monteiro.

Mesmo transformada em pousada, restaurante e museu, a histórica Estação Ferroviária guardou um bem preservado acervo arquitetônico que serve de atração e encantamento aos visitantes dessa cidade que se renova e, naturalmente, assume o seu protagonismo em turismo e gastronomia.

Vale destacar a visão empreendedora do professor Alírio Trindade que abriu caminho para a implantação de confortáveis condomínios que se espraiam nas encostas e veredas da paisagem serrana. Construindo o anel viário, o Governo Estadual faz a sua parte descongestionando o pequeno centro urbano e facilitando o acesso aos investimentos imobiliários. No início deste ano de 2024, já se pode contar com pelo menos 20 desses empreendimentos entregues ou em fase de lançamento. A Fazenda Jardim, por exemplo, que

pertenceu ao lendário Major Jurandir Rocha, cedeu a seu aprazível cenário a um muito bem planejado e novo projeto.

Não passa sem registro o prédio histórico do Colégio das Doroteias que desde o ano de 1922 foi referência no ensino de qualidade destinado às meninas da região e que ainda oferecia internato para as residentes em outras cidades. De Serraria, nos anos 1930 e 1940, passaram por aquele educandário as filhas do tabelião Severino Cavalcanti de Azevedo, as minhas tias Adail, Maria, Eunice e Gerlane. Mirtes, a minha mãe, já aos 17 anos, em 1944, abandonou os estudos para casar-se e vir morar em João Pessoa, onde vim a nascer no ano de 1945.

O Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – CAVN – importante referência, desde o ano de 1924, mantém a tradição de excelência no ensino técnico profissionalizante e atualmente se fortalece como parte do Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias do Campus III da Universidade Federal da Paraíba.

Na seara política, Bananeiras sempre esbanjou força por essas bandas do Agreste da Borborema/microrregião do brejo paraibano. Ao município, já pertenceram as cidades de Dona Inês, Araruna, Borborema e Solânea, sendo esta última o antigo distrito de Moreno que ainda com essa denominação eu conheci. Bananeiras foi o berço dos governadores Clóvis Bezerra Cavalcanti e do presidente Solon Barbosa de Lucena. Era dessa forma que se denominavam os governadores do Estado à sua época.

Na medicina, foi de grande destaque o trabalho do doutor Mariano que nos anos de 1920/1940, a partir de Bananeiras, atendia aos pacientes daqueles lados mais ao norte do brejo e curimataú. De Serraria, a minha mãe, Mirtes, aos 5 anos de idade, a cavalo, foi levada por meu avô até o doutor Mariano para cuidar de uma fratura de antebraço. Outro fato que liga Serraria aos médicos bananeirenses é um grave caso de eclâmpsia que acometeu a minha avó no ano de 1937. O jovem médico que a atendeu era o doutor Clóvis Bezerra, recém-graduado pela Faculdade de Medicina do Recife e que se deslocou até a cidade de Serraria, e lá, durante dois dias consecutivos, numa bem-sucedida e intensa assistência médica, restabeleceu a plena saúde da parturiente Adalgisa Guedes Pereira Cavalcanti.

Mas o trem e a estação não se apagam da memória dos velhos brejeiros, infantes como eu, naquele alvorecer dos anos 1950. Na tenra idade de 5 anos e antes das festas do Natal,

quando a família da minha mãe iria se reunir em Serraria, como o neto mais velho, eu já ia na frente, acompanhando a minha avó por ocasião do seu retorno ao brejo. Saindo de João Pessoa, ponto de partida, a estação ferroviária, que pouco mudou até hoje, parecia imensa e imponente. De tão grande, mal cabia na memória de uma criança ainda em processo de compreensão do mundo. O trem era enorme e a impressionante locomotiva soltava fumaça para tudo que é lado, enquanto a gente se empurrando alcançava a plataforma e o vagão de passageiros em busca de um assento disponível. Depois da acomodação, tudo se acalmava e lá vinha o bilheteiro se escorando no encosto das poltronas de madeira repetindo o ato de perfurar de alicate os cartões de embarque nas mãos dos passageiros, enquanto eu já ia me aconchegando junto ao colo da vovó, pronto para pegar no sono nos primeiros balanços da viagem. Os cochilos eram embalados pelo sacolejo do trem e por aquele hipnótico ruído das rodas sobre a junção dos trilhos que misturava sons graves e agudos como se a onomatopeia falasse - “café com pão, bolacha não/café com pão, bolacha não” - por todo o percurso. Tal monotonia só era quebrada pelo estridente apito da locomotiva todas as vezes que se aproximava de uma curva. Era a oportunidade de ouro para vislumbrar-se quase todo o comboio puxado pela máquina fumacenta que exalava fuligem e vapor d’água sem falar no fumacê que o tempo todo era expelido pela chaminé.

Mas não faltava tempo para cochilos. Ao final de contas, o ritmo dolente da viagem de quase 6 horas deixava os passageiros no maior enfado. Em Borborema, o nosso ponto final, ao cair da tarde, finalmente, ufa..., éramos recebidos por parentes aboletados num jipe de praça, que levavam a gente direto para a casa da vovó no friozinho gostoso de Serraria, cidade um pouco mais alta, onde estaríamos cercados do calor humano e de muitos agrados de tios e primos cheios de saudade. Mas o comboio que deixamos lá atrás, na estação de Borborema, ainda iria percorrer o trecho final da viagem para alcançar o seu destino. Nos 10 quilômetros restantes, teria que atravessar, no finalzinho da linha, os 202 metros do túnel escavado na rocha da Serra da Viração para, então, poder alcançar a parada na ÚLTIMA ESTAÇÃO, cumprindo, dessa forma, a profecia do presidente Solon de Lucena de que “o trem chegaria a BANANEIRAS nem que fosse por debaixo da terra”.